

EXISTENCIALISMO EM FRANZ KAFKA E QOHELET: INTERFACE ENTRE LITERATURA E RELIGIÃO

Jônatas Leal¹ 
Volney da Silva Ribeiro²

Resumo

O presente artigo propõe-se a explorar as interfaces entre literatura e religião por meio da análise do existencialismo em duas obras marcantes: o livro bíblico de Eclesiastes, de Qohelet, e *A Metamorfose*, de Franz Kafka. Ambas as obras, embora provenientes de contextos culturais e históricos distintos, compartilham uma profunda investigação sobre a condição humana, o absurdo da existência e a busca pelo sentido em um mundo aparentemente indiferente. Sob o olhar da perspectiva existencialista, o artigo busca examinar como Qohelet e Kafka abordam temas como a alienação, a angústia e a transitoriedade da vida. Ao traçar conexões entre os textos, busca-se não apenas entender a relevância desses temas em diferentes épocas, mas também demonstrar como a literatura e a religião convergem na expressão das mais profundas inquietações humanas. Dessa forma, o estudo pretende contribuir para o debate acadêmico sobre a interface entre a literatura e a filosofia existencialista, evidenciando as ressonâncias entre o pensamento bíblico e a obra kafkiana.

Palavras-chave: Existencialismo; A metamorfose; Franz Kafka; Eclesiastes; Qohelet.

Editor Científico: **Rodrigo Follis e Flavio Prestes Neto**

Organização Comitê Científico

Double Blind Review pelo SEER/OJS

Received: 15/08/2024

Approved: 29/11/2024

Como citar: LEAL, J.; RIBEIRO, V. S. Existencialismo em Franz Kafka e Qohelet: interface entre literatura e religião. *Kerygma*, Engenheiro Coelho (SP), v. 19, n. 1, p. e1644, 2024. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v19.n1.pe1644>

¹ Doutor em Teologia pela Andrews University, Michigan, (Estados Unidos). Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia - UNIAENE - SALT/UNIANE, Bahia, (Brasil). Diretor de Pós-Graduação no SALT-UNIAENE. E-mail: leal.jonatas@gmail.com Orcid id: <https://orcid.org/0009-0005-1742-9334>

² Licenciado em Letras, com habilitação em Português-Espanhol, Bacharel em Teologia e Especialista em Gestão educacional. Professor de rede particular de ensino para vestibulares e concurso públicos. E-mail: professorvolney@yahoo.com.br



EXISTENTIALISM IN FRANZ KAFKA AND QOHELET: INTERFACE BETWEEN LITERATURE AND RELIGION

Abstract

This article delves into the interfaces between literature and religion by analyzing existentialism in two notable works: the biblical book of Ecclesiastes by *Qohelet* and "The Metamorphosis," by Franz Kafka. Despite being from different cultural and historical backgrounds, both works deeply explore the human condition, the absurdity of existence, and the search for meaning in a seemingly indifferent world. From an existentialist standpoint, the article examines how *Qohelet* and Kafka address themes such as alienation, anguish, and the transience of life. By drawing connections between the texts, the goal is to understand the importance of these themes in different time periods and demonstrate how literature and religion converge in expressing the most profound human concerns. In doing so, the study seeks to contribute to the scholarly debate on the interface between literature and existentialist philosophy, highlighting the resonances between biblical thought and Kafka's work.

Keywords: Existentialism; The metamorphosis; Franz Kafka; Ecclesiastes; Qohelet.

EXISTENCIALISMO EN FRANZ KAFKA Y QOHELET: INTERFAZ ENTRE LITERATURA Y RELIGIÓN

Resumen

El presente artículo se propone explorar las interfaces entre literatura y religión mediante el análisis del existencialismo en dos obras destacadas: el libro bíblico de Eclesiastés, de Qohelet, y "La Metamorfosis", de Franz Kafka. Ambas obras, aunque procedentes de contextos culturales e históricos distintos, comparten una profunda investigación sobre la condición humana, el absurdo de la existencia y la búsqueda de sentido en un mundo aparentemente indiferente. Desde la perspectiva existencialista, el artículo examina cómo Qohelet y Kafka abordan temas como la alienación, la angustia y la transitoriedad de la vida. Al establecer conexiones entre los textos, se busca no solo comprender la relevancia de estos temas en distintas épocas, sino también demostrar cómo la literatura y la religión convergen en la expresión de las inquietudes humanas más profundas. De este modo, el estudio pretende contribuir al debate académico sobre la interfaz entre la literatura y la filosofía existencialista, poniendo de manifiesto las resonancias entre el pensamiento bíblico y la obra kafkiana.

Palabras clave: Existencialismo; *La metamorfosis*; Franz Kafka; Eclesiastés; Qohelet



INTRODUÇÃO

A complexidade da experiência humana tem sido um tema central na filosofia ao longo dos séculos. Dentre as diversas correntes de pensamento que buscaram compreender a existência e o papel do indivíduo no mundo, o existencialismo emerge como uma das abordagens mais profundas e significativas. Fundamentado em ideias que enfatizam a liberdade, a responsabilidade individual e a busca por significado na vida, além de oferecer uma perspectiva filosófica, o existencialismo também se torna uma lente por meio da qual podemos analisar e interpretar obras literárias e escritos religiosos que exploram nuances da existência humana.

Neste artigo, será abordada, essencial e primordialmente, a relação entre a obra literária *A Metamorfose*, do escritor Franz Kafka, e o livro bíblico de “Eclesiastes”, cujo autor é frequentemente referido como *Qohelet*. Do ponto de vista metodológico, não há qualquer intenção de determinar dependência literária direta entre *Eclesiastes* e *A Metamorfose*. A escolha desses dois universos literários se baseia na riqueza temática e na profundidade psicológica que ambos os autores delineiam em suas respectivas obras. *A Metamorfose* é uma narrativa que se aprofunda nos temas da identidade pessoal e da alienação; por sua vez, a literatura sapiencial do Antigo Testamento, como aquela encontrada em *Eclesiastes*, oferece consideráveis reflexões filosóficas e teológicas sobre a natureza da vida, o sentido da existência humana e as vicissitudes do tempo.

A escolha de Franz Kafka para apreciação neste artigo se deve ao fato de que o autor é frequentemente considerado um dos expoentes máximos do existencialismo na literatura universal. De forma magistral, ele aborda os temas da alienação, da angústia e da falta de sentido na existência humana. Sua obra clássica, *A Metamorfose*, é muito emblemática, tendo em vista a maneira como apresenta seus personagens (como Gregor Samsa) confrontados com situações absurdas e inexplicáveis, refletindo a condição existencial do homem moderno frente a um universo indiferente e, muitas vezes, hostil.

Entre as muitas genialidades de Kafka, existe o desafio das convenções narrativas e estruturais, o mergulho nas profundezas da psique humana, explorando a solidão, a incomunicabilidade e a busca incessante por significado em um mundo no qual as respostas parecem sempre escapar. Sua escrita, aparentemente hermética e notadamente simbólica, convida o leitor a refletir sobre os limites da liberdade individual e sobre o peso das



circunstâncias na vida dos indivíduos, estabelecendo um diálogo íntimo com as teorias existencialistas que permeiam sua obra.

Assim como ocorre em Kafka³, os textos de *Qohelet* também oferecem uma perspectiva profundamente existencialista sobre a condição humana. *Qohelet*, conhecido por sua sabedoria e discernimento ímpares, contempla questões universais como a transitoriedade da vida, a inevitabilidade da morte e a busca insaciável por significado. Em seu discurso, ele exprime um profundo ceticismo em relação às buscas materiais e à busca por prazeres efêmeros, destacando a futilidade dessas tentativas diante da inevitabilidade da morte.

Vale notar como *Qohelet* desafia as noções tradicionais de felicidade e sucesso. Ele convida seus leitores a refletirem sobre o propósito da existência e a aceitação da incerteza que permeia a vida humana. Seus ensinamentos ecoam temas existencialistas ao explorar a natureza contraditória da vida, a ambiguidade moral e a constante busca por um entendimento mais profundo da verdade e da justiça no contexto de uma realidade imprevisível e, de certo modo, desoladora.

Ao interligar essas duas fontes aparentemente distintas, mas com expressivos vínculos temáticos, busca-se lançar luz sobre suas semelhanças e diferenças e explorar como cada uma delas contribui para uma compreensão mais ampla dos dilemas existenciais que perpassam a condição humana. Ao fazer isso, inevitavelmente é preciso que se volte aos grandes nomes do existencialismo, cujas teorias fundamentam esta análise. Pensadores renomados como Jean-Paul Sartre, Ferreira (1970) e Martin Heidegger (2005), por exemplo, oferecem perspectivas variadas e profundas sobre a liberdade, a autenticidade e o enfrentamento da angústia existencial, temas que ressoam tanto em Kafka quanto nos escritos bíblicos de *Qohelet*.

À luz dessas considerações, destaca-se que este artigo objetiva analisar obras literárias específicas sob o viés do existencialismo, bem como traçar conexões entre elas, correlacionando o tema nos diferentes textos. Ao abordar o texto de “Eclesiastes” literariamente, as questões históricas relativas à sua autoria e composição serão desconsideradas, privilegiando a leitura do texto em sua forma final. Desse modo, espera-se enriquecer o entendimento das obras supracitadas e contribuir para um diálogo contínuo

³ Kafka oferece reflexões existencialistas profundas não apenas em “A Metamorfose”, objeto central deste estudo, mas também em outras obras, tais como *O Processo* e *O Castelo*.



sobre as questões fundamentais da existência humana e as formas como elas são exploradas na literatura e nos escritos religiosos extraídos da Bíblia.

UM BREVE OLHAR HISTÓRICO

Para o existencialismo, a existência humana é o campo de investigação. Embora a tal corrente de pensamento tenha surgido no final do século 19 e tenha se consolidado como movimento filosófico no século 20, sua linha de raciocínio fora apresentada à filosofia ocidental por Protágoras de Abdera, filósofo grego do século 5 a.C., quando afirmou que o homem era a medida de todas as coisas.

Essa frase, datada do período pré-socrático, tem ecoado no pensamento filosófico ocidental ao longo dos séculos, chegando a influenciar, ainda que indiretamente, correntes filosóficas da renascença italiana – como o humanismo e o antropocentrismo - e o existencialismo. Desse modo, ao abordar o homem em sua dimensão humana, sem qualquer ligação com algum propósito ou aspecto transcendente ou metafísico, Protágoras o coloca no centro do pensamento, no cerne das investigações de problemas relacionados à existência.

Arthur Jan Keefer (2022) mostra que a busca por significado é muito antiga, podendo ser encontrada na literatura egípcia, mesopotâmica e grega, e continua viva nos existencialistas modernos. Ao contrário, porém, do humanismo, que valorizava o ser humano, sua razão e sua criatividade, colocando-o no centro das preocupações culturais e filosóficas, e do antropocentrismo, que colocava o ser humano como o centro do universo, muitas vezes ignorando ou minimizando o valor de outras formas de vida ou perspectivas cosmológicas, o existencialismo destaca a liberdade e a responsabilidade humanas em um mundo sem sentido pré-estabelecido (Escórcio, Monteiro, 2021).

Contrastando com a visão otimista e centrada no homem do renascimento, o existencialismo, ainda que mantendo o foco no ser humano, possui uma visão mais analítica e sombria. Ele representa, portanto, uma perspectiva mais crítica e desafiadora sobre a condição humana (Escórcio, Monteiro, 2021).

Segundo o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), o existencialismo constitui uma forma de humanismo. Para ele, a existência precede a essência. Isso sugere que o ser humano primeiro existe e depois constrói sua essência por meio de suas ações e escolhas. Desse modo, considerando o pensamento de Sartre, destaca-se que a ocorrência do



existencialismo encaminha o pensamento para a busca e a análise do homem, inserido em um contexto no qual a essência humana se torna cada vez mais objeto de interesse e investigação.

Nessa perspectiva, observa-se que a mencionada frase de Protágoras já enfatizava a importância do indivíduo e sua posição central na experiência humana. No humanismo renascentista, valorizava-se a dignidade e a capacidade do indivíduo de contribuir para a sociedade e para a cultura, refletindo ideais de liberdade e autonomia pessoal. No existencialismo, essa ideia se expande, incluindo a capacidade humana de determinar a verdade, a responsabilidade individual e a busca por significado em um mundo potencialmente absurdo e sem sentido pré-determinado (Penha, 2001).

Sob esse viés, ao se analisar neste artigo a obra *A Metamorfose*, de Kafka (1883-1924), vê-se uma continuidade temática na exploração das ansiedades e das alienações humanas. Por exemplo, em *A Metamorfose*, a transformação de Gregor Samsa em um inseto é uma metáfora da alienação do indivíduo na sociedade moderna, refletindo temas de isolamento e estranhamento.

O livro de Eclesiastes, por sua vez, tem uma longa história de interpretação e tem sido escrutinado de diversos ângulos. De fato, como nota R. Gordis:

O próprio *Qohelet* teria visto em todo o tempo e engenhosidade gastos na interpretação de sua pequena obra-prima mais um exemplo da futilidade do esforço humano. Pois não há certamente um aspecto do livro, seja de data, autoria ou interpretação, que não foi objeto de ampla diferença de opinião (1968, p. 4, *tradução própria*).⁴

Vale ressaltar que, antes do surgimento do criticismo histórico, a interpretação rabínica no judaísmo e a alegórica no cristianismo predominavam. Embora ainda muito influente, a leitura histórico-crítica de Eclesiastes, que rejeita qualquer visão de unidade textual e contrapõe a mensagem do livro ao evangelho (Crenshaw, 1992, p. 277; Watson, 1994, p. 283-284), divide o cenário com outras leituras do livro, tais como: a teológica (Gorssen, 1970), a canônica (Childs, 1985), a literária (Barton, 1984), a psicológica (Zimmerman, 1973) e a filosófica (Shuster, 2008).

⁴ Texto original: "Kohleth himself would have seen in all the time and ingenuity spent on the interpretation of his tiny masterpiece one more example of the futility of human effort. For there is scarcely one aspect of the book, whether of date, authorship or interpretation, that has not been the subject of wide difference of opinion."



Uma vez que é possível fazer referência à presença do existencialismo na arte e na literatura renascentista, bem como encontrar as raízes desse pensamento nos escritos de Protágoras, percebe-se que movimentos anteriores, ainda que indiretamente, anteciparam e influenciaram as preocupações filosóficas e estéticas dos séculos subsequentes, contribuindo, de certo modo, para o surgimento da corrente existencialista.

A presença de um viés existencialista em *Eclesiastes*, assim, tem sido reconhecida por diversos autores que abordam o livro filosoficamente. Vários têm encontrado similaridades, com maior ou menor profundidade, entre *Qohelet* e autores existencialistas modernos. Entre eles, está Michael Fox, que compara *Eclesiastes* com “O Mito de Sísifo”, de Albert Camus (1986, 1989). Justin Keith Morgan também explorou as conexões entre *Qohelet* e Kierkegaard (2011). O presente artigo se propõe a explorar possíveis conexões entre *Eclesiastes* e *A Metamorfose*, de Kafka.

EXISTENCIALISMO NA OBRA “A METAMORFOSE”

A Metamorfose é uma obra central da literatura moderna que explora a alienação e a fragilidade das relações humanas. Ao narrar a transformação de Gregor Samsa em um inseto, Kafka revela a precariedade dos laços familiares e a desumanização do indivíduo em uma sociedade utilitarista. Combinando uma narrativa simbólica e reflexões existenciais, a obra convida o leitor a questionar a identidade, o valor humano e o isolamento no mundo moderno.

BREVE APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO ENREDO

A obra narra a história de um caixeiro-viajante, Gregor Samsa, que, ao acordar certa manhã, descobre que se transformou em um gigantesco inseto. A história começa de forma abrupta, inserindo o leitor no absurdo sem explicar o motivo de tal transformação. Inicialmente, Gregor tenta se adaptar a sua nova forma, preocupado com a reação da família e as implicações de sua condição no trabalho. Em razão dessa transformação, porém, suas prioridades logo começam a mudar, tendo em vista que vai perdendo a capacidade de se comunicar e de se mover como antes. Sua família, composta de pais idosos e de uma irmã jovem, reage inicialmente com choque e horror diante do que vê, mas, com o tempo, seus sentimentos se transformam em repulsa e ressentimento.



A condição de Gregor, que vai acentuando-se cada vez mais, avança sem conduzir a uma solução. À medida que ele se torna mais inseto do que humano, sua família passa a negligenciá-lo e a considerá-lo um fardo e, isolado em um quarto, numa espécie de confinamento, vê sua saúde física e mental se deteriorar. A alienação e o isolamento de Gregor são agigantados pela indiferença e pela frieza dos membros de seu núcleo familiar, que antes dependiam dele financeiramente, mas agora desejam livrar-se de sua presença. Em determinado momento da narrativa, sua irmã se manifesta desta maneira: “...assim não pode mais continuar. (...) devemos tentar nos desembaraçar dele”. Ao que o pai responde: “Ela tem toda razão” (Kafka, 2021, p. 98).

No clímax da história, que já se aproxima do desfecho, Gregor sucumbe ao total abandono e à negligência. Sentindo-se cada vez mais solitário e percebendo a ruptura de laços familiares, cuja aparente solidez foi corroída pelo ócio, ele morre sozinho em um quarto. Assim foi anunciada sua morte pela faxineira logo cedo pela manhã: “Venham só ver uma coisa, ele morreu; está ali no chão, morto e mais que morto” (Kafka 2021, p. 104).

Depois de sua morte, a família Samsa, nitidamente aliviada, decide seguir em frente com sua vida, como se Gregor nunca tivesse existido. Desse modo, não demorou para que ele caísse no esquecimento e que seus familiares comesçassem a repensar suas vidas, planejando-a com esperança e otimismo, demonstrando uma incomum felicidade como se nunca tivessem experienciado qualquer perturbação familiar.

A obra explora diversos temas, entre os quais se destacam: a alienação, a desumanização, a ingratidão, a falta de comunicação, a perda da liberdade, a submissão, o exílio dentro do próprio lar, a desconstrução da identidade e a fragilidade das relações familiares.

Tudo isso é obtido por meio de uma narrativa que associa o fantástico com o realismo, na qual o sobrenatural e o absurdo são tratados com naturalidade, criando uma metáfora poderosa para as ansiedades e as angústias do ser humano. Além disso, ela deixa entrever o caráter efêmero da existência, sua imprevisibilidade, sua incoerência e o modo como a humanidade reage às vicissitudes da vida, ao significado da morte e ao valor do trabalho (Carone, 2009).



DIVISÃO EM TRÊS SEÇÕES

Ao estruturar a obra em três seções, Kafka apresenta linearidade gradativa, expondo a desconstrução por que passa Gregor, oriunda de sua nova condição.

Primeiro capítulo

O primeiro capítulo, por exemplo, começa com a surpreendente transformação de Gregor Samsa em um inseto monstruoso. Essa mudança súbita e inexplicável destaca o caráter efêmero da vida, em que uma existência aparentemente normal pode ser alterada negativamente sem qualquer aviso ou razão clara. Essa transformação insere Gregor em uma nova e terrível realidade, refletindo a imprevisibilidade da condição humana, na qual o controle sobre a própria vida pode ser perdido a qualquer momento.

Em *A Metamorfose*, lê-se acerca da condição inicial metamorfoseada de Gregor:

Estava deitado de costas, costas duras como uma couraça, e viu, ao levantar um pouco a cabeça, sua barriga encovada e escura, levemente arredondada e dividida por reforços arqueados, em cima da qual as cobertas, prestes a deslizar inteiramente, mal se podiam sustentar. Suas numerosas pernas, lastimavelmente franzidas em comparação com o tamanho dele, se agitavam desesperadamente diante de seus olhos (Kafka, 2021, p.13).

A natureza abrupta e incompreensível da metamorfose de Gregor faz eco ao absurdo existencialista, em que a vida não segue um roteiro lógico ou previsível. A reação de Gregor à sua transformação é inicialmente de negação: “Que tal seria se eu voltasse a dormir mais um pouco e esquecesse todas essas bobagens? [...] Tentou isso cem vezes, fechou os olhos para não ver suas pernas se agitando...” (Kafka, 2021, p.14). Mais adiante, o autor acrescenta uma informação importante sobre o sentimento inicial de Gregor:

Lembrou-se de que muitas vezes já tinha sentido na cama uma dessas pequenas dores, causada talvez por uma posição desajeitada de se deitar, mas que depois, ao ficar, de pé, se revelavam ser puramente imaginárias; e estava ansioso para ver como as ideias que tinha tido pela manhã iriam gradativamente se dissipar. (Kafka, 2021, p. 19)

Mais preocupado com seu trabalho do que com sua inexplicável condição, Gregor tenta racionalizar o que está acontecendo com ele, refletindo que tal situação não poderia ser única



entre os homens, tendo em vista que aquilo que lhe ocorria não poderia ser exclusividade dele:

Gregor tentou imaginar se algo semelhante ao que lhe havia ocorrido não poderia acontecer um dia também ao gerente; de fato, essa possibilidade não poderia ser descartada. (Kafka, 2021, p. 25)

Posteriormente, sua atitude é de aceitação resignada, refletindo a maneira como muitas pessoas lidam com as vicissitudes da vida. Sua primeira e maior preocupação, vale ressaltar novamente, mesmo após perceber que se tornou um inseto, é com seu trabalho: constantemente ele olhava para o relógio: “Já são sete horas” (Kafka, 2021, p. 22). Em suas reflexões matinais, ele argumenta consigo mesmo que já deveria ter pegado o trem que saía às cinco horas da manhã, mas não pôde fazê-lo, embora tentasse sair da cama a qualquer custo. Ele insistia: “É absolutamente necessário que eu saia dessa cama antes que soem sete horas e um quarto” (Kafka, 2021, p. 22). Ele ainda repetia a si mesmo: “Especialmente, não fique aí inutilmente na cama” (Kafka, 2021, p. 20).

Toda essa preocupação com o trabalho, a despeito de suas evidentes limitações, se dava porque ele era o provedor material de sua irmã e de seus genitores. As obrigações financeiras com a família o faziam se preocupar, e muito, com suas obrigações profissionais. Por isso, mesmo sem amar a profissão de caixeiro-viajante (ele mesmo dizia que sua profissão era fatigante) e mesmo sabendo que a empresa em que trabalhava não valorizava seus funcionários (ele afirma que, pelo menor descuido, logo se levantava a maior suspeita), ele entendia ser necessário estar comprometido com seu ofício. Ele mesmo declara: “Se não me contivesse por causa de meus pais, há muito tempo teria pedido demissão; teria me apresentado diante do chefe e lhe teria dito minha maneira de pensar do fundo do meu coração” (Kafka, 2021, p. 15).

O comprometimento profissional de Gregor evidencia a importância atribuída ao trabalho e à responsabilidade social na vida humana, mesmo quando confrontado com situações extremas e desalentadoras. Gregor coloca o trabalho acima de seu próprio bem-estar, inclusive quando é injustiçado pelo gerente da firma em que trabalha (Kafka, 2021, p. 29). Nem vida social ele tinha. Como sua própria mãe dizia, Gregor só pensava em trabalho. Ela costuma dizer que tal situação a incomodava, porque ele jamais saía à noite. De certo



modo, isso é um reflexo da alienação do homem moderno, uma ideia que é central tanto no existencialismo de Sartre quanto na análise de Heidegger sobre a alienação do ser.

Na primeira seção do livro, o leitor compreende que o valor do trabalho e a rotina, tão caros a Gregor, são desafiados pela incoerência de sua nova condição. A partir do momento em que ele não pode mais cumprir suas funções laborais, a própria identidade de Gregor é questionada. Como já visto, para Sartre, a existência precede a essência, o que significa que Gregor, sem o papel de provedor, precisa reavaliar sua própria existência. No entanto, ao invés de se libertar e definir uma nova essência, Gregor se vê aprisionado por sua nova aparência e pelas expectativas da sociedade e da família, que começam a tratá-lo com hostilidade.

A transmutação de Gregor reflete também a visão de Heidegger sobre a "quebra" da vida cotidiana, em que eventos inesperados e caóticos revelam a fragilidade da existência humana. No seu livro "Ser e Tempo" (2005), ele descreve como as pessoas geralmente estão envolvidas com o mundo de maneira prática e direta, sem pensar ativamente sobre suas ações ou o contexto em que elas ocorrem. Esse modo de ser é o que Heidegger chama de "ser-no-mundo".

Essa "quebra" ocorre quando algo inesperado ou fora do normal interrompe o fluxo de atividade cotidiana. Quando isso acontece, a relação automática e prática com o mundo é interrompida e o indivíduo é forçado a parar e a refletir sobre a situação. Tal "quebra" revela o funcionamento subjacente das coisas e faz o ser humano tomar consciência de aspectos do mundo que normalmente permanecem ocultos. Gregor Samsa, agora separado da normalidade de sua existência, é confrontado com esse "nada", sem nenhum sentido ou propósito claro a seguir, exceto a luta infrutífera para continuar como era antes.

A primeira seção de *A Metamorfose* evidencia a reação humana diante do absurdo: a tentativa desesperada de manter uma aparência de normalidade e ordem em um mundo caótico e contraditório. Naquele cenário de estupefação pelo inusitado, "ele era o único que tinha conservado a calma" (Kafka, 2021, p. 36). A maneira como Gregor e sua família lidam com sua transmutação revela a dificuldade de aceitar a incoerência e a imprevisibilidade da vida. Esse momento dramático para a família Samsa e, em especial, para Gregor, está alinhado com o pensamento de Kierkegaard, considerado pai do existencialismo:



O pensamento de Kierkegaard não contém outra coisa, não é outra coisa senão estudo profundo, impiedoso, cruel até, das diversas formas da luta do homem consigo próprio para a conquista da existência, que é a conquista do próprio “eu” em sua individualidade (Giles, 1989, p. 22).

Gregor é incapaz de alcançar essa liberdade, permanecendo preso à sua nova forma e à expectativa social que o aprisiona ainda mais.

Segundo capítulo

No capítulo 2, o protagonista enfrenta a dura realidade de sua transformação em um inseto. O capítulo aprofunda o sentimento de abandono e alienação que Gregor experimenta, tanto física quanto emocionalmente. Sua família começa a se distanciar dele, tratando-o mais como uma criatura inconveniente do que como um ente querido. Como consequência disso, toda a rotina da família é alterada, inclusive atividades triviais: “nessa hora do dia o pai costumava ler em voz alta para a mãe, e às vezes também para a irmã, o jornal da tarde, agora não se ouvia mais som algum” (Kafka, 2021, p. 46).

Gregor refletia profundamente sobre como iria reorganizar sua vida, pois os pais começam a vê-lo como um fardo, e até a irmã, que no início tenta ajudá-lo, gradualmente se afasta. Quando a cozinheira da casa suplica por sua dispensa, mãe e filha passam agora a ter a obrigação de cozinhar. Por causa dessa soma de fatores que desestabilizavam a “vida tranquila que a família levava” (Kafka, 2021, p. 27), Gregor, que, até então, assumia todas as despesas da família, não teve “nenhum tratamento mais caloroso” (Kafka, 2021, p. 56).

Ainda que não lhe oferecessem qualquer traço de amabilidade e aceitação, ele ainda refletia em solidão sobre como havia sido sua vida e como teriam seguido seus dias se a quebra de normalidade não tivesse ocorrido. Em suas reflexões, ele ainda “sentia grande orgulho por ter podido proporcionar aos pais e à irmã semelhante vida num apartamento tão belo” (Kafka, 2021, p. 47). No entanto, a tristeza o abatia, pois se viu vítima da ingratidão, sofrendo rejeição de quem ele havia cuidado com ardor particular (Kafka, 2021, p. 55).

Logo, passou a causar e a sentir medo também. Até mesmo sua mãe quase morreu quando percebeu que a gigantesca mancha marrom sobre o papel de parede florido era Gregor. Ela gritou com voz estridente, apavorada. Quando finalmente Gregor pôde ouvir palavras dirigidas a ele diretamente, notou que elas não eram de ternura, mas de espanto e desdém: “Ah, meu Deus! Ah, meu Deus!”, palavras de sua mãe ao vê-lo. Com sua irmã não foi



diferente: “Você, Gregor! – vociferou a irmã, com punho erguido e olhar penetrante” (Kafka, 2021, p. 71). Assim, “deprimido pelos remorsos e pela apreensão, começou a rastejar” (Kafka, 2021, p. 72).

Enfrentando crise existencial devido a tudo que lhe acontecia, Gregor também precisava lidar com a severidade do pai, de quem precisava correr, para não ser golpeado nas costas, como já havia acontecido antes. Esse primeiro golpe foi tão forte, que o fez sangrar abundantemente (Kafka, 2021, p. 43). Agora, a história se repete, todavia não mais com uma bengala, mas com uma maçã. Diante dessa situação, ele estava paralisado de susto, pois seu pai estava determinado a atingi-lo: “uma delas, lançada sem força, aflorou as costas de Gregor e deslizou sem provocar danos. Mas logo foi seguida de outra que se afundou literalmente nas costas de Gregor” (Kafka, 2021, p. 77).

Ao se transformar, Gregor é desfigurado e confrontado com a absurda liberdade de existir em um estado que o afasta de todos ao seu redor. A indiferença e o afastamento de sua família intensificam sua sensação de desamparo e solidão, ecoando a visão de Sartre de um universo no qual o ser humano está sozinho, abandonado à própria sorte, sem qualquer garantia de conexão ou compreensão dos outros. A segunda seção do livro destaca, portanto, a temática do abandono e da alienação em um contexto existencialista, em que Gregor é forçado a encarar a dura realidade de sua nova existência: a indiferença e o desprezo daqueles que antes o amavam.

Terceiro capítulo

Na última parte da obra, a introdução do capítulo 3, apresenta-se esta situação:

O grave ferimento de Gregor, que há mais de um mês o fazia sofrer – a maçã, que ninguém ousou retirar, ficou com uma lembrança visível, encravada na carne – parecia ter lembrado, mesmo ao pai, que, apesar de sua atual figura triste e repugnante, Gregor era membro da família que não podia ser tratado como inimigo, mas diante do qual o mandamento do dever da família impunha que seu respeito se evitasse toda aversão e, além disso, suportar, nada mais que suportar (Kafka, 2021, p. 79).

Esse infortúnio, inicialmente, causou perda de mobilidade a Gregor. Em um segundo momento, a cessação de sua vida. A morte de Gregor Samsa é causada por uma maçã que o pai arremessou contra o filho, lhe ferindo gravemente as costas e fazendo-o desmaiar. O livro



explícita que havia “maçã podre nas suas costas e a região inflamada em torno dela” (Kafka, 2021, p. 103).

Como consequência disso, mesmo acreditando que tudo ficaria bem, durante a madrugada, “sem qualquer reação, sua cabeça tombou completamente e de suas narinas saiu seu último e fraco suspiro” (Kafka, 2021, p. 103). De maneira metafórica, é possível inferir que a maçã que apodrece em suas costas pode representar o desprezo e o ódio de sua família, cujo desdém por Gregor não estava mais no nível do fingimento.

SÍNTESE E ANÁLISE GERAL DA OBRA

Conforme exposto, Franz Kafka explora a fragilidade da identidade humana e as condições de existência ao narrar a transformação de Gregor Samsa em um inseto gigante. Essa transformação física de Gregor é crucial para a desconstrução de sua identidade. Ao acordar como um inseto, ele perde não apenas sua forma humana, mas também o papel que desempenhava na sociedade e na sua família.

Essa desconstrução fica evidente quando ele reflete com a seguinte indagação: "O que me aconteceu? Pensou ele. Não era um sonho" (Kafka, 2021, p. 13). A condição de sua existência é questionada, pois sua nova forma faz com que ele seja gradualmente excluído e rejeitado tanto por sua família quanto pela sociedade, revelando o quanto a identidade humana é vulnerável às mudanças externas.

Se o homem constrói sua essência por meio de suas ações e escolhas, conforme Sartre, no caso de Gregor, sua transformação física altera completamente suas possibilidades de ação, e, portanto, a construção de sua essência é interrompida e distorcida. Sua existência como inseto o coloca em uma posição de passividade e impotência, na qual suas tentativas de se comunicar e agir são fúteis. Essa impotência é ilustrada na sua incapacidade de se expressar para sua família, a qual não consegue compreender sua nova forma. Ele percebeu que as palavras claramente humanas não poderiam ser mais entendidas, mesmo por seus familiares mais próximos (Kafka, 2021, p. 32).

A nova realidade de Gregor, marcada pela rejeição e pelo isolamento, evidencia a precariedade da identidade humana frente às mudanças externas. Sua transformação leva à desconstrução de tudo que ele era, deixando-o em um estado de existência sem essência. Incapaz de se conectar com os outros e de encontrar um propósito em sua nova forma, Gregor



se depara com a perda total de sua identidade, mostrando como a essência de um ser pode ser destruída quando as condições de sua existência são radicalmente alteradas.

É curioso notar como o começo e o fim do livro estão em flagrante antítese. No início do primeiro capítulo, lê-se que “Gregor Samsa, ao acordar depois de sonhos agitados, viu-se em sua cama, transformado num monstruoso inseto” (Kafka, 2021, p. 13). Por haver se tornado diferente, estranho, isso alterou drasticamente o curso de sua vida. Essa quebra de normalidade, absurda e imprevisível, desconstruiu o seu mundo para sempre.

Ao final do terceiro capítulo, porém, vê-se um processo de reconstrução dentro da família a que ele um dia pertenceu. Sua irmã também passa por uma transformação, mas totalmente contrária àquela que se deu com Gregor: ela “havia desabrochado e se tornado uma exuberante moça” (Kafka, 2021, p. 111). Diante disso, os pais da jovem pensavam em “lhe arranjar um bravo e jovem marido. E para eles foi como a confirmação desses novos sonhos e dessas boas intenções quando, no final da viagem, a filha se levantou em primeiro lugar e distendeu seu jovem corpo” (Kafka, 2021, p. 111).

Esse aspecto antitético do livro leva o leitor a refletir sobre a sua humanidade e os principais legados advindos dessa condição, tais como: fragilidade, transitoriedade e imprevisibilidade. Kafka, por meio de seu protagonista, apresenta o retrato do homem moderno: coisificado, alienado, explorado, incompreendido e esmagado pelo ilogismo que permeia, muitas vezes, a vida e as relações interpessoais, inclusive no seio familiar (Carone, 2009).

EXISTENCIALISMO EM ECLESIASTES

Embora questões como liberdade e responsabilidade individual estejam no radar filosófico e teológico de *Qohelet*, sua perspectiva existencialista se manifesta de maneira mais evidente em sua busca de significado na vida que perpassa a obra como um todo. Tal busca de significado “debaixo do sol” é, em grande medida, experimental. Depois de testar a sabedoria e a loucura (2:3) provando o máximo que a vida pode oferecer (2:1-11) e refletindo nos mais sombrios aspectos da existência, como revelados na opressão e injustiça (e.g. 3:16; 4:1-3; 5:8-9), *Qohelet* conclui que tudo é *hebel*. A frase *hakkōl hebel* (“tudo é *hebel*”) é repetida seis vezes e forma um grande *inclusio*, abrindo e fechando o livro (1:2; 12:8).



Contudo, o uso do termo hebraico *hebel* é elusivo e tem desafiado tradutores ao longo da história. Apesar de ser repetido 38 vezes ao longo do livro e ter um significado claro fora de “Eclesiastes”, seu sentido aqui é um tanto quanto enigmático. As traduções do termo variam entre “ vaidade ” (NAA, ESV, KJV, NASB), “ futilidade ” ou “ fútil ” (CSB, NET), “ inutilidade ” (NVI) e “ sem significado ” (NIV). A palavra ilustra o dilema enfrentado na tradução de qualquer obra clássica, pois, nesse caso, o tradutor precisa escolher entre consistência e sentido, já que a ambiguidade inerente do termo, provavelmente forjada de propósito pelo autor, não permite a manutenção de ambos.

Enquanto em alguns casos *Qohelet* usa o termo para destacar a natureza passageira da vida, em outros ele ressalta a falta de sentido que assola o cotidiano humano. Nesses dois polos, “ a palavra evoca uma visão realista da vida. A vida é apenas um momento breve e fugaz; os humanos não conseguem compreendê-la completamente ” (Bland, 2002, p. 297)⁵. Nesse ponto, a tradução *A Mensagem* de Eugene Petterson captura de modo adequado esse duplo sentido de *hebel* ao traduzir o termo como “ fumaça ”.

A melhor opção para tradução provavelmente é de fato reter o significado mais básico da raiz *hbl* (“ vapor ” ou “ sopro ”) como faz a nova tradução, de 2023, para o português da editora Paulinas, *A Bíblia*. Como observa K. Seybold “ em virtude de sua suposta origem onomatopeica, *hebel* retém consistentemente o significado de ‘ respiração ’. ” (Seybold, 1978, p. 315)⁶. Em *Eclesiastes*, a associação de *hebel* com *rûah* (“ vento ”) na expressão “ correr atrás do vento ” (e.g. 1:14; 2:11, 17) parece confirmar essa visão.

Jacques Doukhan também nota a relação entre o substantivo *hebel* e o nome próprio “ Abel ” (*hebel*) e conclui que o ponto de partida para a reflexão de *Qohelet* é a experiência de Abel em Gênesis 4, cuja morte prematura na mão do próprio irmão ilustra, de maneira trágica, vários aspectos discutidos ao longo de *Eclesiastes*. Enquanto a vida de Abel é interrompida de maneira prematura e violenta, Caim se torna um grande realizador, fundador de uma civilização, protegido por Deus e com uma ampla posteridade (Doukhan, 2006, p. 12-14). Nesse contexto, *Eclesiastes* – assim como ocorre em *Jó* – funciona como um contraponto da

⁵ Texto original: “ the word evokes a realistic view of life. Life is but a brief, fleeting moment; humans cannot fully grasp it ”.

⁶ Texto original: “ In virtue of its supposed onomatopoeic origin, *hebel* consistently retains the meanings “ breath ”.



visão mais positiva encontrada na literatura de sabedoria (e.g. o justo prospera e o ímpio regride) mostrando sua limitação. São as exceções a essa regra, que contrariam a ordem da criação (sendo a morte a exceção por excelência), que levam *Qohelet* a exclamar: tudo é um sopro!

PONTOS DE CONVERGÊNCIA

Hebel evoca a categoria de absurdo. A vida debaixo do sol é absurda. A imagem do vapor ou sopro remete não apenas ao caráter efêmero e transitório da vida do ponto de vista temporal, mas também à sua natureza imprevisível, ininteligível, cujo significado frequentemente escapa como o vapor na palma da mão. Por um lado, é nesse ponto que Kafka e *Qohelet* se encontram. Por outro lado, é no modo como a humanidade reage a esse lado kafkiano da vida que ambos os autores se separam.

A seguir, quatro pontos de contato entre a obra *A Metamorfose* e *Eclesiastes* são sugeridos. Eles lidam com o valor do trabalho, o significado da morte, a transitoriedade da existência e a imprevisibilidade da vida. No mundo físico ou “dabaixo do sol”, *Qohelet* e Kafka estão em perfeito acordo. Em seguida, quatro pontos de divergência são listados, mostrando que, no mundo metafísico ou “além do sol”, ambos os autores estão em mundos à parte.

O fardo do trabalho: no fim, qual é o ganho?

O valor do trabalho é um tema-chave para *Qohelet* e está no centro de seu argumento sobre a futilidade e a natureza absurda da vida debaixo do sol. Do ponto de vista canônico, o trabalho em si não é um castigo ou maldição. De fato, com o casamento e o sábado, é uma das poucas instituições que sobreviveram à queda. Antes do pecado, Deus coloca a humanidade no jardim para o cultivar (*'bd-* “trabalhar”) e o manter (*šmr*) (Gn 2:15). Da mesma forma, visões da restauração escatológica incluem o trabalho (Is 65:17-25). A literatura sapiencial em geral também apresenta uma visão muito positiva do trabalho, encorajando diligência e industriiosidade como sinal da sabedoria.

Todavia, a visão de *Qohelet* sobre o trabalho é mais sutil e está mais sintonizada com Gn 3:19, onde o trabalho se torna um fardo como resultado da queda. Em primeiro lugar, *Qohelet* difere no vocabulário. Embora o substantivo mais comum para “trabalho” (*ma'áše*) apareça 19 vezes no livro, na maioria das vezes, ele é mais bem entendido como “ato” ou



“obra” (ver 3:17; 8:17; 9:7). Em sua reflexão sobre o valor mais duradouro do trabalho, ele prefere o substantivo *‘āmāl* (da raiz *‘ml*) que possui um uso especializado em “Eclesiastes” e é mais bem traduzido como “labor” ou “trabalho fatigante”.

Como evidência de sua centralidade para o argumento de Eclesiastes, a raiz *‘ml* aparece 35 vezes no livro (22 como substantivo e 8 vezes como verbo). Enquanto fora do livro a palavra normalmente se refere à angústia ou à adversidade (Gn 41:51; Jó 7:3; Hb 1:3), em Eclesiastes ao “trabalho incessante que caracteriza a existência humana” (Otzen, 2001, p. 200)⁷. Assim, *Qohelet* atribui um tom mais neutro ao substantivo, ainda mantendo uma boa dose de frustração.

Em segundo lugar, *Qohelet* assume uma posição mais crítica com respeito ao trabalho. No centro de sua crítica está a pergunta que é repetida com certa variação quatro vezes no livro: “Que proveito [*yitrôn*] alguém tem de todo o seu trabalho [*‘āmālô*], com que se afadiga [*ya‘āmôl*] debaixo do sol?” (1:3, NAA; ver 2:22; 3:9; 5:16). A angústia existencial de *Qohelet* está enraizada na resposta negativa a essa pergunta, que o conduz à percepção da futilidade do seu labor (2:20). No âmago de seu dilema, encontra-se a morte iminente que acaba com qualquer tipo de vantagem.

Em sua própria experiência na busca por prazer, riqueza e realização (2:1-11), ele precisa lidar com a realidade de que não levará nada com ele de todo o seu labor (5:15). Tudo o que conquistou passará a outro (4:8). Como resultado disso, *Qohelet* odeia o seu trabalho (2:18) e conclui que isso é uma grande calamidade (*rā‘ā*) que assola a humanidade (6:1-2). Todo o seu labor serve apenas para apaziguar a inveja alheia (4:4) e servir sua boca que nunca se satisfaz (6:7). Desse modo, nesse contexto, o labor humano se torna um círculo interminável que não leva a lugar nenhum.

A correta compreensão do significado de *yitrôn* (“proveito”) também é essencial para entender o dilema existencial de *Qohelet*. O termo bem - como outras palavras associadas à mesma raiz - aparece apenas em Eclesiastes em um total de 17 vezes. Nessas ocorrências, *yitrôn* “significa ‘lucro’ no sentido de algo adicional, e não ‘lucro’ meramente como ‘benefício’. Em outras palavras, *yitrôn* não é apenas ‘um plus’ (algo positivo), mas ‘um excedente’ (uma

⁷ Texto Original: “the ceaseless toil that characterizes human existence”.



vantagem)” (Seow, 2008, p. 103)⁸. Isso não significa que Qohelet não veja qualquer benefício no labor humano (ver discussão abaixo), mas que “esse trabalho não dá nenhum ‘benefício’ adicional.” (Seow, 2008, p. 104)⁹.

Em certo sentido, a reflexão de *Qohelet* sobre o problema do labor é transcendental. Não há qualquer vantagem ou ganho real para além da linha do horizonte. O labor não pode garantir qualquer segurança futura ou duradoura. Assim, seu argumento deveria ser visto à luz da finitude humana, cujo desfecho parece espreitar *Qohelet* como um predador prestes a atacar a qualquer momento.

Habilidosamente, Kafka destaca a natureza fatigante do trabalho de Gregor *Samsa* que, além de lhe trazer pouca recompensa, o escraviza numa rotina que, a princípio, nem mesmo sua transformação em um inseto gigante seria capaz de interromper – inicialmente Gregor continuava resoluto na tentativa de manter sua rotina de trabalho. Contudo, no fim da história, o leitor é chamado a fazer a mesma pergunta: que proveito houve para Gregor *Samsa* em todo o seu *‘āmāl* (labor)?

A morte como o grande equalizador da vida

Sem dúvida, a morte é um dos principais temas do livro de “Eclesiastes” e o problema da morte como o grande equalizador da vida está intimamente relacionado à questão do labor. Nesse sentido, a identidade de *Qohelet* como “rei de Israel em Jerusalém” (1:12) reforça o fato de que todos, inclusive os reis, estão sob esse destino inescapável. A morte termina qualquer senso de vantagem ou privilégio. Em um estudo de caso extremo, *Qohelet* testa sua proposição com a relação entre sabedoria e tolice ou falta de juízo (2:12).

Ele conclui, inequivocamente, que a sabedoria é mais proveitosa que a tolice ou a falta de juízo (2:13). Enquanto o sábio tem os olhos abertos, o tolo anda em trevas (2:14a). *Qohelet* também concorda com o restante da literatura sapiencial ao afirmar que a sabedoria protege e dá vida para quem a possui (7:11-12). Sabedoria claramente traz qualidade de vida (8:1), por isso é melhor ser sábio e pobre do que tolo e rico (4:13). Para apoiar esse ponto, *Qohelet* recorre a uma breve história na qual uma pequena cidade é livrada do ataque de um rei

⁸ Texto original: “means ‘profit’ in the sense of something additional, and not ‘profit’ merely as ‘benefit.’ In other words, *yitrôn* in this case is not just ‘a plus’ (something positive) but ‘a surplus’ (an advantage).”

⁹ Texto original: “that toil does not give one any additional ‘edge.’”



poderoso pelo conselho de um homem pobre e sábio (9:14-15a). Porém, ninguém quis ouvi-lo (9:15b). Assim, ele conclui que “a sabedoria é melhor do que a força, mesmo que a sabedoria do pobre seja desprezada, e as suas palavras não sejam ouvidas” (9:16).

Entretanto, Qohelet precisa admitir que ambos enfrentam o mesmo destino. Em nota autobiográfica, ele afirma: “O que acontece com o tolo acontece comigo também; de que adianta, então, ser sábio?” (2:15, NAA). Em sua luta mental, ele questiona: “Como é possível que o sábio morra do mesmo modo que o tolo?” (2:16c, LEB). Nesse sentido, não há vantagem do sábio sobre o tolo.

O problema, porém, ainda vai além, uma vez que a morte também é apresentada como equalizador entre homens e animais. Ecoando Gn 2:7, *Qohelet* nota que homens e animais têm o mesmo *rûah* (aqui “fôlego de vida”) (3:19) e, uma vez que o fôlego os deixa, voltam para o mesmo lugar: “todos procedem do pó e ao pó voltarão” (3:20). Aqui, a natureza mortal da existência humana é expressa em termos da condenação de Gênesis e, nesse sentido, a morte é apresentada como resultado da queda (Gn 3:19). É difícil não pensar no fim da história de Gregor, que morre transmutado em um animal com um corpo para ser meramente descartado.

O último estudo de caso que *Qohelet* propõe envolve o justo e o ímpio, o bom e o mal, o puro e o impuro, e o religioso e o não-religioso. A conclusão é a mesma: “todos têm o mesmo destino” (*kî-miqre' eḥād lakkōl*) (9:3). O fato de que “a mesma coisa acontece com todos” é considerado como “uma calamidade [*rā'*] debaixo do sol” (9:3). Nesse mal, jaz o aspecto injusto da morte como essa indomável força equalizadora. Sua concepção sobre a condição do homem na morte está de acordo com a visão bíblica geral, na qual, em seu estado de inconsciência, não há amor, ódio ou inveja (9:6). No *sheol* não há obras, projetos, conhecimento ou sabedoria (9:10). Tudo se evapora como uma fumaça (*hebel*) que se desfaz em instantes.

Nesse contexto, no entanto, *Qohelet* vê a morte como um ímpeto para a vida. Uma vez que a morte é inevitável, ele apela para o leitor, desejando que ele desfrute a vida comendo com júbilo e bebendo com um coração alegre (9:7), cuidando de si mesmo (9:8) e aproveitando a companhia da pessoa amada (9:9). Em certo sentido, o caráter inescapável da morte e a percepção de que ela termina com qualquer aparente vantagem provê sabedoria para a vida.

É nesse sentido que “melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete, pois naquela se vê o fim de todas as pessoas; e que os vivos o tomem em consideração” (7:2, NAA). Enquanto o coração do sábio está na primeira, o do insensato está na segunda (7:4).



Assim, é possível notar que “através dos seus ensinamentos, *Qohelet* pretende transmitir ao seu público sua jornada epistemológica de busca por uma boa vida na realidade da morte” (Sun, 2017, p. 203). Essa ênfase sobre a alegria ajuda a entender por que os rabis instituíram a leitura litúrgica de *Eclesiastes* na festa de *Sukkot*, o mais alegre dos festivais judaicos.

O problema do esquecimento no fluxo infindável da natureza

A primeira menção do problema aparece no verso 11 do primeiro capítulo, onde o apagamento da memória individual na névoa temporal da sucessão de gerações limita as possibilidades de ganho (*yitrôn*) que alguém pode obter. Essa é a primeira resposta do livro para a pergunta de 1:3 (“qual é o proveito?”). No fim, portanto, tudo será esquecido de qualquer modo.

O paralelo entre a morte e a extinção da memória é evidente em 2:16, onde ambas têm o mesmo poder equalizador: tanto sábios quanto tolos serão esquecidos. Isso é evidente na história da pequena cidade na qual o sábio que a salva é esquecido (9:16). No curto prazo, sabedoria ainda é mais valiosa que a tolice, pois provê benefícios para quem a possui (a cidade fica livre). Em longo prazo, porém, qualquer vantagem da sabedoria é obliterada pela morte, que resulta no apagamento da memória.

A transitoriedade da memória reflete a transitoriedade da existência humana, o que também perturba *Qohelet*. Essa brevidade é ainda mais notória quando comparada com o fluxo contínuo da história (1:4) e da natureza (1:5-7). Isso ocorre porque a vida debaixo do sol segue o seu ritmo. Após a morte de um indivíduo, sua memória se desvanece nesse ciclo aparentemente infindável de gerações, de ventos e de águas. Seria como alguém que, caminhando na beira da praia, se dá conta de que o avanço e o recuo da maré e o quebrar incessante das ondas já estavam ali antes do seu nascimento e continuarão ali após a sua morte.

Assim, na visão de *Qohelet*, o cancelamento da memória marca a alienação radical da natureza e da sociedade humana. A morte e o esquecimento são partes integrantes da resposta à pergunta feita em 1:3. Tais elementos levam *Qohelet* a concluir: não há proveito (*yitrôn*) de todo o labor debaixo do sol.



Quem está no controle?

O problema da transitoriedade da vida e da memória é acentuado pela imprevisibilidade da existência humana. Tal contingência tem dois aspectos. O primeiro é fundamentado no fato de que a vida é inescrutável. Há mistérios que estão além da capacidade humana de compreender. Em sua busca pessoal por entendimento, *Qohelet* afirma: “Examinei tudo isso com sabedoria; Eu disse: ‘Estou determinado a compreender isto’ – mas estava além do meu alcance. Seja o que for, está muito além da compreensão. Quem pode descobrir isso?” (7:23-24, NET). Se isso é verdade com os fenômenos naturais que podem ser observados empiricamente, muito mais ainda com as questões que os transcendem (8:16-17; 11:5-6).

O segundo aspecto da imprevisibilidade da vida diz respeito à incapacidade humana de prever, com qualquer certeza, o que acontecerá no próximo minuto: “quem pode dizer a alguém o que acontecerá no futuro debaixo do sol?” (6:12, LEB). Por um lado, não se pode prever o que a vida trará pela frente (*e.g.* amor ou ódio) (9:1). Por outro lado, assim como não se pode controlar o vento, não se pode controlar o dia da morte (8:7-8). *Qohelet* descreve a humanidade como encurralada numa armadilha, presa numa rede de incerteza quanto ao dia da calamidade (*rā'*) (9:12).

Desse modo, ninguém pode reivindicar controle mesmo sobre os aspectos mais periféricos da existência humana. A vida tem, assim, um caráter indomável, e a incapacidade humana de controlar também é julgada por *Qohelet* como *hebel*. O mesmo ocorre no caso de Gregor: não é possível saber quando dado incidente desencadeará uma cadeia de eventos transformadores.

PONTOS DE DIVERGÊNCIA

Os pontos de convergência entre *Eclesiastes* e *A Metamorfose* estão restritos a uma perspectiva imanente da vida, que *Qohelet* define com “dabaixo do sol”. Porém, enquanto Kafka é marcado pelo humanismo, *Qohelet* é marcado pela intersecção entre o humano e o divino numa tensão entre o real, que é provisório, e o ideal, que é permanente. É exatamente nesse panorama transcendente que as divergências entre *Qohelet* e Kafka surgem. Em *Qohelet*, o absurdo é uma ferramenta retórica que provoca o leitor a olhar para além do horizonte e isso determina a distinção entre o existencialismo de *Qohelet* e o de Kafka.



Acima do sol

A perspectiva espaço-temporal da reflexão de *Qohelet* é definida pela expressão *taḥat haššemeš* (“debaixo do sol”), que aparece 30 vezes ao longo do livro, e pela frase *taḥat haššāmāyim* (“debaixo do céu”), que ocorre três vezes. Por um lado, as duas expressões restringem o horizonte das observações do autor ao mundo empírico dos sentidos. Por outro lado, elas também liberam o leitor para vislumbrar uma dimensão que não está no centro da reflexão de *Qohelet*.

Em outras palavras, embora *Qohelet* construa sua reflexão a partir do que ele vê, ele admite que há mais no mundo do que os olhos podem ver. Enquanto a primeira realidade é dominada pelo humano e marcada pelo caos, injustiça e morte, a segunda é dominada pelo divino. O contraste entre as duas fica claro em 5:2, onde *Qohelet* afirma: “Deus está nos céus, e você, aqui na terra” (NAA). Sendo assim, elas mudam radicalmente a maneira como *Eclesiastes* deve ser lido.

Desse modo, as duas expressões abrem a possibilidade para a construção de uma teologia de *Eclesiastes*. Evidentemente, não há espaço aqui para isso, mas algumas linhas gerais da teologia do livro podem ser indicadas a seguir. *Qohelet* constrói a sua teologia a partir de dois polos aparentemente contraditórios: transcendência e imanência. Por um lado, como um Deus cujas obras são inescrutáveis (8:17; 11:5), ele é incompreensível e distante. Nesse sentido, ele é eterno, imutável e soberano (3:14; 7:14; 9:1) e, por isso, merece o temor e a reverência humana (3:14; 5:1; 7:18; 8:2, 12). Embora o sábio e o justo estejam em suas mãos, ele não os livra de infortúnios (9:1).

Da mesma forma, embora proporcione ao ser humano a habilidade de obter riqueza, ele não impede que outro desfrute no seu lugar (6:2). A ausência do nome divino *yhwh* (*Yavé*, normalmente traduzido como “Senhor”) e o uso de *’ēlōhîm* (Deus) como título na maioria das suas ocorrências (*Qohelet* usa o substantivo *’ēlōhîm* com artigo em 75% dos casos) (Castro; Leal, 2017, p. 121) confirmam essa perspectiva teológica universalista.

O Deus de “*Eclesiastes*”, no entanto, é também imanente. Por essa razão, envolve-se ativamente nos negócios humanos. Ele fez tudo reto e foi a humanidade que se meteu em muitos problemas (7:29; 3:11). Ele é fonte de vida (12:7) e sabedoria (2:26) para a humanidade, cujo futuro está em suas mãos (3:15). Porém, a natureza imanente de Deus em “*Eclesiastes*” se revela, de maneira mais clara, por meio da dádiva divina de usufruir o



resultado do labor e do papel de Deus como juiz que, como se verá a seguir, não está restrito apenas ao epílogo. Esses dois aspectos são brevemente explorados nas duas seções abaixo.

Essa tensão, entre transcendência e imanência, está presente no cânon bíblico desde os primeiros capítulos (Gn 1 e 2) e aparece explícita no insistente convite divino para que seu povo o ame e o tema (*e.g.* Dt 10:12-13). Como Deus transcendente, ele cria e mantém o cosmos. Como Deus imanente, ele o julga, demonstrando que se importa e que o caos que define o lado *hebel* da vida debaixo do sol não será para sempre a norma. Longe de serem contraditórias, essas visões complementam uma à outra, formando um equilíbrio fundamental na visão teológica das Escrituras.

A bênção do trabalho: qual é o fruto?

A conclusão de que não há qualquer proveito ou ganho (*yitrōn*) no labor (*‘āmāl*) com que os humanos laboram (*‘ml*) debaixo do sol contrasta com o repetido convite de Qohelet para que desfrutem o fruto do seu labor. De fato, “não há nada melhor” do que isso debaixo (2:24; 3:12-13, 22; 8:15), “porque essa é a sua porção” (5:18-19). Tal desfrutar quase sempre envolve comer e beber com alegria. Ele também convida o leitor a desfrutar a vida com a mulher que se ama (9:9), pois usufruir do trabalho a dois é uma melhor recompensa (4:9).

A provisória falta de sentido que *Qohelet* observa na vida não o leva a um niilismo moral ou religioso, mas a embarcar no melhor que a vida pode oferecer. Ele claramente rejeita qualquer resignação acética e afirma o “bom” (*ṭōwb*) do mundo físico em suas dimensões naturais, sociais e psicológicas. Ele vê tal oportunidade como um dom divino que os seres humanos deveriam desfrutar com gratidão (2:24; 3:13; 5:18-20). Em certo sentido, é o melhor presente que eles podem experimentar desse lado do horizonte.

Nesse ponto, é importante ressaltar a distinção entre o proveito e o fruto do trabalho. Tal diferença confirma que *yitrōn* tem um sentido de lucro como algo adicional ou mais permanente. Ele não nega a possibilidade de “ver o bem do labor” (*wəlir’ōwt ṭōw bâbakol ‘āmālōw*) (5:18b). Na verdade, ele o afirma, confirmando como algo bom e adequado (5:18a). Assim, *yitrōn* assume uma conotação escatológica.

A morte termina com qualquer expectativa de ganho permanente, pois não há proveito duradouro debaixo do sol além do *sheol* e, como não há forma de escapar do labor, o que resta é desfrutar do bem decorrente dele. Apenas o juízo determina qualquer tipo de vantagem, mas isso aparece apenas como um tênue vislumbre no horizonte teológico de *Eclesiastes*.



Entretanto, como se verá a seguir, tal vislumbre se torna a pedra angular da fé de *Qohelet* - a única coisa que o encoraja a seguir apesar do absurdo, da futilidade e da falta de sentido da existência humana debaixo do sol.

Juízo e Esperança

Parte da falha de *Qohelet* em encontrar o significado final da vida debaixo do sol se dá devido à realidade da injustiça e da opressão (3:16; 4:1-3; 8:9-11; 9:11-12), que, segundo ele, não é a exceção, mas a regra (5:8-9). Parte do problema é que a injustiça representa um desvio da ordem que a literatura de sabedoria apoia em diversas passagens: o justo perece e o ímpio prospera (7:15; 8:14). A solução para esse grande mal debaixo do sol é o juízo. Essa é a ideia que conclui o livro: “Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más” (12:14, NAA).

Embora a maioria dos eruditos entenda que essa é a teologia apenas do epílogo, a ideia de um juízo também está presente em vários pontos no corpo do livro. Em 3:17, *Qohelet* afirma inequivocamente: “Então eu disse para mim mesmo, ‘Deus julgará o justo e o ímpio, pois ele apontou um tempo de juízo para cada ação e cada obra’” (LEB). Mesmo que haja momentos de ajuste de contas no presente (2:26), o juízo aqui é visto como algo futuro.

A realidade presente da vida debaixo do sol é marcada pela quebra do dogma do mérito (8:14), mas esse não será o caso para sempre. No fim, “tudo correrá bem para os que temem a Deus. No entanto, nada correrá bem para o ímpio” (8:12-13, NAA). Por essa razão, a vida deve ser usufruída ao máximo, mas com o juízo sempre em perspectiva (11:9). O juízo é o antídoto para o niilismo moral e religioso que a falta de sentido na experiência humana leva a muitos que chegaram às mesmas conclusões de *Qohelet*.

Em *Eclesiastes*, o juízo é mais do que uma manifestação da natureza imanente de Deus; é a fonte de esperança na qual *Qohelet* encontra significado no mundo caracterizado pelo absurdo, pela futilidade e pela falta de significado; é a âncora na qual a fé de *Qohelet* está estabilizada no meio do caos e da instabilidade. Além da morte, o juízo parece ser sua única certeza. Nesse contexto, o juízo nunca é negativo, mas uma expressão de amor do Deus que se importa e que, no devido tempo, reverterá o caos que a falta de sentido traz.



A suma das coisas

Uma das características das obras de Kafka é a ausência de conclusão. Muitas sugestões têm sido feitas para explicar esse traço literário do seu trabalho, incluindo questões de saúde, conflitos psicológicos e até mesmo perfeccionismo. Porém, o mais provável é que a escolha de finais abertos seja deliberada e parte do seu processo criativo. Esse é o caso com *A Metamorfose*, em que o desfecho da história de Gregor termina com mais perguntas do que respostas.

Entre os poucos livros da Bíblia que contêm uma conclusão explicitamente formal, está *Eclesiastes*: “o fim do assunto é ...” (*sōwp dābār*). No epílogo, o narrador salienta o valor da sabedoria de *Qohelet* (12:9-11) bem como os limites do pensamento humano para ir além do que já está dito (12:12) e termina o livro enfatizando o que é mais importante.

Há certa resignação nas palavras finais do livro. De acordo com o narrador, embora exista valor nas palavras do sábio como guias para extrair o melhor da vida, a produção de mais livros ou o contínuo estudo na busca de significado debaixo do sol não trarão melhores resultados (12:12). Uma vez que esse fato é estabelecido, o que resta para o homem é manter um bom relacionamento com Deus: “temer a Deus e guardar os seus mandamentos” (12:13). A palavra “dever” na expressão “esse é o dever de todo o homem” (NAA) não está no texto hebraico, e a expressão *kî-zekol hā’ādām* literalmente se lê: “esse é o todo do homem” (12:13).

A vida não termina no pântano caudaloso da falta de sentido. Ao concluir o livro com o juízo, o autor traz à luz esperança. É verdade que o juízo de todas as coisas, incluindo aquelas ocultas, pode representar uma ameaça. Entretanto, para o justo e sábio, é uma boa notícia, reafirmando o fato de que seu futuro não é determinado pelas forças aleatórias do absurdo, mas está nas mãos de Deus (9:1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, buscou-se explorar as ressonâncias temáticas entre *A Metamorfose*, de Franz Kafka, e o *Eclesiastes*, texto bíblico atribuído a *Qohelet*. Embora não haja qualquer pretensão de estabelecer uma conexão literária direta entre as duas obras, a análise evidenciou como ambas se debruçam sobre questões universais da existência humana, ainda que em contextos culturais e históricos distintos. *A Metamorfose* e *Eclesiastes* são, em



última análise, reflexões profundas sobre a condição humana e abordam, respectivamente, a alienação e a busca de sentido em um mundo frequentemente hostil e incompreensível.

Ao colocar as duas obras em diálogo, o estudo revelou que tanto Kafka quanto *Qohelet* criam narrativas que interrogam o valor da vida diante da inevitabilidade do sofrimento e da mortalidade. A transformação de Gregor *Samsa* em inseto, símbolo extremo de alienação e perda de identidade, ecoa a sensação de vazio e vaidade descrita em *Eclesiastes*. Ambos os textos, cada um à sua maneira, desconstroem as certezas humanas e convidam à reflexão sobre a fragilidade e transitoriedade da existência.

A desumanização de Gregor e as considerações de *Qohelet* sobre a vaidade da vida oferecem, assim, uma visão pessimista, mas profundamente humana, dos dilemas existenciais. Uma diferença fundamental entre os dois autores está na abertura para uma dimensão transcendental, que está ausente em *A Metamorfose*. Em *Eclesiastes*, a esperança de que a natureza absurda da experiência humana é temporária se manifesta na ideia de um juízo vindouro no qual Deus subverterá a lógica do absurdo que domina a vida debaixo do sol. Assim, para *Qohelet* o pessimismo não é o ponto de chegada, mas o ponto de partida.

Portanto, este estudo reafirma a importância de se considerar a literatura como um espaço de diálogo e reflexão sobre a experiência humana em toda a sua complexidade. Ao confrontar as angústias modernas de Kafka com as meditações sapienciais de *Qohelet*, demonstrou-se como a literatura, independentemente de sua origem, pode oferecer *insights* valiosos sobre a condição humana. A partir dessa análise comparativa, abre-se a possibilidade de novas leituras e interpretações que ultrapassam as fronteiras do tempo e da cultura, ampliando o entendimento sobre o que significa ser humano em um mundo repleto de incertezas e desafios.

REFERÊNCIAS

BARTON, J. **Reading the Old Testament: method in biblical study**. London: Darton, Longman and Todd, 1984.

BLAND, D. **Proverbs, Ecclesiastes & Song of Songs**. Joplin, MO: College Press, 2002. (The College Press NIV Commentary. Old Testament Series).

CARONE, Modesto. **Lição de Kafka**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



CASTRO, J.; LEAL, J.. Teologia do Qohelet: uma proposta. **Último Andar**, n. 30, p. 119–137, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1980-8305.2017.i30p119-137>. Acesso em: 01 dez. 2024.

CHILDS, B. **Old Testament Theology in a Canonical Context**. Philadelphia, PA: Fortress Press, 1985.

CRENSHAW, J. Book of Ecclesiastes. In: FREEDMAN, David (ed.). **The Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992. v. 2. p. 271-280.

DOUKHAN, J. **Ecclesiastes: all is vanity**. Nampa: Pacific Press, 2006.

ESCÓRCIO, D.; MONTEIRO, F. Reflexões sobre a filosofia existencialista. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 11, n. 26, p. 15-26, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/17064/9592>. Acesso em: 12 de ago. 2024.

FERREIRA, V. **O Existencialismo é um Humanismo**. 3. ed. [S. l.]: Presença, 1970. (Coleção Síntese).

FOX, M. **Qohelet and His Contradictions**. Decatur, GA: Almond, 1989.

FOX, M. The meaning of Hebel for Qohelet. **Journal of Biblical Literature**, v. 105, n. 3, p. 409–427, 1986.

GILES, T. História do existencialismo e da fenomenologia. São Paulo: EPU, 1989.

GORDIS, R. **Koheleth - The Man and His World: a study of Ecclesiastes**. 3 ed. New York: Schocken Books, 1968.

GORSSEN, L. La cohérence de la conception de Dieu dans l'Ecclésiaste. **Ephemerides Theologicae Lovanienses**, v. 46, n. 3–4, p. 282–324, 1970.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

KAFKA, F. **A Metamorfose**. São Paulo: Lafonte, 2021.

KEEFER, A. **Ecclesiastes and the Meaning of Life in the Ancient World**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2022.

MORGAN, J. **Living in the tensions: Camus, Qohelet, and the confrontation with the absurd**. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes) - School of Communication, Liberty University, Lynchburg, 2011.

OTZEN, B. **לֵב**. In: BOTTERWECK, J.; RINGGREN, H.; FABRY, H. J. (ed.). **Theological Dictionary of the Old Testament**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001. v. 11. p. 196-202.

PENHA, J. **O que é Existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção primeiros passos, n. 61).



SEOW, C. **Ecclesiastes: a new translation with introduction and commentary**. New Haven, CT: Yale University Press, 2008. (Anchor Yale Bible, v. 18C).

SEYBOLD, K. הַבָּל. In: BOTTERWECK, J.; RINGGREN, H. (ed.). **Theological Dictionary of the Old Testament**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1978. V. p. 313-320.

SHUSTER, M. Being as breath, vapor as joy: using Martin Heidegger to re-read the book of Ecclesiastes. **Journal for the Study of the Old Testament**, v. 33, n.2, p. 219-244, 2008.

SUN, C. Ecclesiastes among the Megilloth: death as the interthematic link. **Bulletin for Biblical Research**, v. 27, n. 2, p. 185-206, 2017.

WATSON, F. **Text, Church and World: biblical interpretation in theological perspective**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1994.

ZIMMERMAN, F. **The Inner World of Qoheleth**. New York: KTAV, 1973.